

A escolinha do professor Raimundo

PF

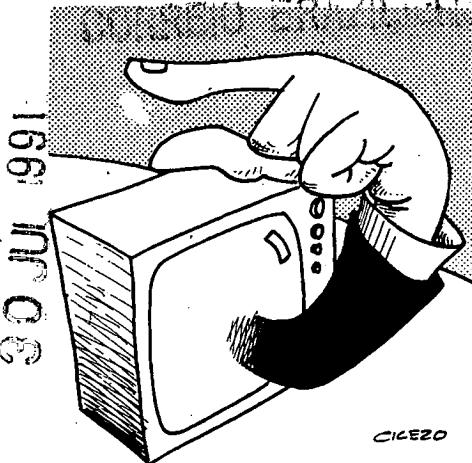
Sérgio Dayrell Porto

Aloísio Magalhães, ex-presidente do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), embrião do Ministério da Cultura, costumava citar Guimarães Rosa para diferenciar educação de cultura. Lembrava o personagem Miguilim, sempre triste em sala de aula. Quando examinado por um médico oftalmologista, foi detectada a sua doença: praticamente não exergava. Aviada a receita, feitos os óculos, Miguilim começou a ver a vida, a enxergar tudo em sua volta. Resultado: sumiu da escola. Era muito chata para o seu gosto... E, para Aloísio Magalhães, escola então parecia mesmo coisa chata, e cultura, o lado gostoso da vida.

Já Paulo Francis irritava-se com o Brasil porque boa parte das decisões institucionais passava, segundo ele, pelo mundo vulgar dos cantores de rádio e dos artistas de televisão. Antônio Fausto Neto, em seu livro recente "Morte em Derrapagens", mostra como a vida e a morte desses artistas são avaliadas pelas revistas do coração, *Amiga* e *Contigo* e pelo noticiário *fait divers* da imprensa policial. Adolpho Queiroz, em sua tese "A TV de Papel", diz como a tevê eletrônica não subsiste sem a tevê impressa, que também estampa com sensacionalismo a tumultuada vida dos astros e estrelas. O que, de certa forma, legitima a existência da indústria da televisão, carro-chefe da cultura de massas.

Agora é a vez da "Escolinha do Professor Raimundo": o País busca o seu aval; e a escola, montada na base do riso e do caricato, ganha também zero do professor mais popular do País. Naturalmente pago por um mísero salário, cujo símbolo virou convenção nacional: os dedos polegar e indicador que se aproximam e que significam carência do pão nosso de cada dia, cada vez mais raro nesse meio escolar. Em que pese a missão de entretenimento de um programa dos mais populares da tevê brasileira, os exemplos mostram como os valores vêm passando por um processo de dessacralização. Se por um lado o professor Raimundo é solidário nesse câncer de época e que ataca em cheio as instituições nacionais, por outro, ele é uma versão caricata do professor, e principalmente da escola, onde a hora do recreio é o seu momento mais nobre.

O consolo: a única escola do País que todo mundo prestigia, até o ministro Chiarelli e a ex-ministra Zélia. O Brasil parece assim ter resolvido seu grave problema de analfabetismo: 153 milhões de brasileiros podem ir à escola, a do professor Raimundo. Algo canhestra, uma escola feita segundo os moldes do entretenimento da televisão comercial. Uma escolinha que funciona em diminutivo, mas que está presente todas as tardes na tevê que tem seu horário nobre nos sábados à noite e que se multiplica em vinhetas e chamadas em horários e turnos os mais diversos. A idéia da escola com E maiúsculo, levada com seriedade e empenho por professores e alunos, parece chata demais para



ter horário nobre na tevê. Os programas do Projeto Minerva e do Supletivo que o digam... Se no Brasil a publicidade já faz há muito tempo a "revolução" dos preços baixos, agora é a vez da escola também ser levada em tom menor: escolinha. Mesmo que esta mercadoria seja embrulhada para presente, com o bom humor de Chico Anysio.

Por sinal, e sendo algo apocalíptico, o tom profano e secular tem esvaziado as comportas onde eram guardados os valores nacionais. Parece ser a crise da ética que nos ataca de há um bom tempo. Certa época, o anúncio "banca: biblioteca pública" foi retirado da circulação interna de algumas revistas nacionais, por ação da então presidente do INL, escritora Maria Alice Barroso. Talvez tenha sido esse um dos últimos gestos de se exigir dos meios de massa um rigor maior, e, mesmo, uma solidariedade irrestrita aos valores institucionais do País. Quem sabe?

A letra da música de apresentação do programa diz que é na escola que tudo começa... Vamos à escola, lá se aprende a viver! Tudo bem, nada contra as afirmações até óbvias e esperadas sobre a ação de um dos aparelhos ideológicos da sociedade e do Estado: a escola. Mas o que se discute é o fato de a "Escolinha do Professor Raimundo" vir a ser modelo nacional das formas de conhecimento e comunicação. E, pelo ibope que vem obtendo, tem conseguido fixar o paradigma.

Fora o cômico, e também o exótico, e o jogo da simulação, que estariam substituindo, no dizer dos educadores, momentos pedagógicos, onde e quando um saber acumulado ao largo do processo civilizatório é passado às novas gerações, como legado de saber e cultura, a escolinha modelo mass media virou um palco de merchandising de idéias, sejam elas boas ou ruins. A nosso ver o discurso dialético e mesmo "multilético" — no dizer de Cremilda Medina, professora da Eca-USP — deveria ser a tônica de toda e qualquer escola. No entanto é substituído pelo discurso autoritário, disfarçado em cômico do marketing e do merchandising.

Por exemplo, merchandising de campanhas governamentais: "Saúde é o que interessa, o resto não tem pressa". O slogan pode não ser ruim, tampouco o jingle, mas o caricato instrutor de educação física salta aos olhos macaqueando suas idéias no vídeo e até pulando em cima da mesa do professor Raimundo. Faz-se tam-

bém merchandising da revisão constitucional — se vamos ao parlamentarismo, se mantemos o presidencialismo ou se chegaremos à monarquia. Aí se fazem os trocadilhos que substituem as idéias sérias sobre o melhor regime político para o País. Também as idéias ecológicas sofreram seus danos, os balões de são-jão merecem a condenação do insólito professor, mas a falta de sutileza dessa campanha acaba por jogar a idéia fora. Irrita o telespectador, mesmo que seja um adepto do Partido Verde e consiga rir bastante, graças à versatilidade de um elenco de excelentes cômicos: o próprio Chico Anysio, Brandão Filho, Lúcio Mauro, Walter D'Ávila, Grande Otelo e muitos outros.

Dessa algazarra geral não escapa também a Previdência Social, comparada a uma peneira cheia de furos. E é por aí que a ação política parece se contentar a limitar-se ao merchandising eletrônico. O deserto de Brasília também é lembrado, em seus longos fins de semana, e, quem, sabe, em seus dias úteis-inúteis da propalada ilha da fantasia.

Ora, o cômico e o irônico são figuras de linguagem, são formas de inteligência e não deveriam constituir-se em possível válvula de escape para omissões políticas. Para a revista *Is-toÉSenhor* de 22 de maio último, a pieguice e as lágrimas redentoras, o populismo e a voz embargada que comovem as multidões, qualificam o programa: "Depois de dizer que o povo está só, a ex-ministra Zélia recebeu o perdão emocionado até do professor Raimundo, o mesmo que durante sete meses seguidos deu nota zero à aluna Célia como castigo pela frase: o povo é só um detalhe".

A pergunta que fica é se a "Escolinha do Professor Raimundo" vem para inconscientemente divertir milhões de brasileiros, ou se ela passa, sob a capa do cômico, a idéia da desacralização da escola, dos alunos, do professor, enfim, do processo de ensino-aprendizagem. Piadas de mau-gosto, revelando uma desinformação sexual, aliam-se ao direito de inventar modismos linguísticos nacionais: cheia, vapt-vupt, zé-fini etc. Caso o Brasil tenha que ser julgado diariamente pelo poder dos mass media, seria bom que nos lebrássemos de um outro cômico, que usa as formas de linguagem com mais pertinência: Jô Soares. Seu programa, muito embora seja às onze e meia da noite, é um fórum de debates, permeado por presenças sensíveis e inteligentes, e onde as questões éticas não ficam à margem; parece também não ter um firme propósito de se pôr em cheque instituições nacionais, hoje tão desprestigiadas, como a Escola.

Basta que o Governo continue pagando pessimamente a seus professores, e todas as escolas virarão escolinhas. Não precisa apelar para o merchandising do professor Raimundo. Em que pesem o entretenimento, o riso, a farra, a zombaria. Sua virtude: além de denunciar o baixo salário dos mestres, não tem espírito corporativo...

■ Sérgio Dayrell Porto é diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília